

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor—gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n. 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 9 DE SETEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual.	12\$000
.. semestral	7\$000
Numero avulso.	\$200
.. atrozado	\$300

SUMMARIO. — Historia dos sete dias, José do Egypto. — A propriedade litteraria, V. Magalhães. — Musa Inpassivel, soneto, F. Juliada Silva. — Questão Scientifica, Dr. Martins Teixeira. — Cavacos Medicos, Dr. Saken. — Ironia das aves, soneto, Maria Clara. — Plebiscito Litterario, Theatros, Flaminio e P. Talha. — Wagner e o wagnerismo. — Musica e Dança, Y. Soudro. — Gazetilha Litteraria. — A um poeta, poesia, Presciana D'arte. — O numero 13, D. Meira. — Os c. illegas. — Factos e Noticias. — Triat. e a Bola, Frei Antonio. — Archivo.

Historia dos sete dias

“Ha um facto que é causa para mim de sempiterno espanto e que causará egual estranhese aos que nelle attentarem—é que o Mar não encontrou, não teve ainda o seu poeta.”

Isso escrevia ha quarenta e tres annos um poeta francez, hoje completamente esquecido—J. Autran, da Academia, autor dos Poemas do Mar, no seu primeiro prefacio a esta obra. E, para provar tal asserto, lembrou que, ao “passo que cada uma das principaes scenas da natureza terrestre tem dado origem a uma forma de poema especial, que lhe é proprio:—o valle á egloga; o prado ao idyllo; o campo, em seu conjuncto, á georgica; os campos de batalha á epopeia; as florestas mysteriosas, as ruinas, os velhos castellos á ballada; as cidades á satyra, ao epigramma, á epistola, ao madrigal, á canção, etc.; os templos ao hymno e ao cantico; os palacios ao drama; os cemiterios á elegia; as maravilhas da terra e do céo á ode; o Mar, o Mar sómente não formulou ainda o seu typo especial de poesia, não creou ainda o seu poema!” Autran não esquece a romança nautica e a barcarolla; mas não as considera, com razão, dignas do Mar, nem formas typicas de poesia.

E mostra, em seguida, que nenhum dos grandes povos maritimos produziu um verdadeiro poema—desde a Grecia até Portugal—(o “Lusiadas” não dando ao mar a importancia devida, só cantando os feitos nelle realisados).



A observação é, além de curiosa, justissima. Que ha na Natureza que dá melhor ao homem a idéa de Infinito—essa idéa positiva, que o Positivismo esqueceu e desdenha; no dizer de Pasteur—que o Mar, o magestoso e sublime Oceano? Por que não encontrou elle, entretanto, ainda o seu poeta em tantos que o tem cantado, de Homero a Autran e Richepin?

O Mar tudo faz—perolas e revoluções, tudo produz—garoupas e heroes, tudo transforma—polypos e instituições. Não remontemos ao Pyreo. Olhemos antes para a nossa Guanabara.

Sobre as suas aguas mansas e glaucas como se balouça garbosa a frota dos argonautas brasileiros, que, sob o commando de Custodio Jasão de Mello veio á conquista do vellocino de ouro da Liberdade na Colchida carioca?

E' a segunda revolução com que o Atlantico nos presenteia! A primeira foi a 23 de Novembro de 1891 e, como desta, era chefe o mesmo mencionado Jasão e tinha o mesmo fim:—a conquista do mesmo vellocino. Sómente o dragão não era o mesmo: o d'aquella chamava-se Deodorus, o desta é Florianus.

O Mar tem sido para esta republica uma caixa de surpresas. Delle sahio a reivindicacão da Legalidade a 23 de novembro de 1891; d'elle sae agora, outra vez, aquella mesma entidade, corporificada no mesmo leão marinho.

Da primeira vez a victoria foi rapida e facil. Bastou que um balasio disparado do “Aquidaban,” viesse partir a ponta do bico do gallo do cucuruto da torre da egreja da Candelaria para que Deodorus se rendesse, no humanitario proposito de evitar que houvesse mais uma viuva, mais um orphão.

Estava a Legalidade desaggravada e restabelecida. Pois é justamente contra aquelle em cuja pessoa se encarnava ella que o Mar novamente vomita a revolução. O Mar deu o poder a Florianus e o Mar lh'o quer tirar.



Na madrugada de 6 do corrente todos os navios da esquadra, de fogos accesos, com a mesma bandeira branca, não de paz mas de guerra, do 23 de novembro a fluctuar nos mastros, disiam para a Terra, no seu formidavel mutismo de monstros d'aço:—O Mar não precisa da Terra e a Terra precisa do Mar. Rende-te, misera! Só o Mar é grande! Elle deu vida ao Amor e á Gloria. Do seu seio maravilhoso sahio Venus triumphante e sae, de vez em quando, o almirante Custodio para salvar o Brasil. Rende-te, Terra, agacha-te, offerece os hombros humildes ás ondas desdenhosamente calmas do Mar Glorioso!

Mas Florianus, o vice-dragão, não quiz ouvir taes falas e mandou que todos os soldados fossem para as praias... vêr navios. Vêl-os e mettê-os a pique com descargas de Mauser.

E assim se fez:—todas as praias, mesmo aquellas a que só se vae como Mentor!

(“You dar um gyro na praia
Pr'a refrescar as ideias,)

até essas estão guarnecidas de tropas.

Os revoltosos, senhores do Mar, aprêsam quanta embarcação ousa singrar o salso argento e estão surtidos de viveres para muito tempo. Podem, quando só o menor mal queiram fazer ao governo, sahir barra afora e ir de estado em estado, a derrubar a ex-Legalidade em cada um e em todos elles, deixando-nos aqui sem um naviosinho sequer para remedio!

Alguns objectam que a esquadra não conseguirá passar sob o fogo vivo das fortalezas. Que engano! A esquadra gloriosa que forçou a passagem de Humaytá realisando um dos mais extraordinarios e bellos feitos da marinha de guerra do mundo servencida, pelo fogo das fortalezas de Santa Cruz, Lage e S. João!

Não! A esquadra, essa esquadra é a nossa, é a brasileira, é a de Humaytá e os seus chefes lá estiveram fazendo n aquella escola de fogo a sua educação de patriotas!

Não creio na victoria da terra sobre o Mar, nem mesmo com os carteiros do Sr. Demosthenes, armados de panelinhas de lacre e carimbos, promptos a pedir “recibo de volta” de cada tiro e a “registrar” cada golpe.

Já ha um hollandez a pagar o mal que não fez. Era italiano esse hollandez, tinha 23 annos e morreu, baleado pela tropa que guarnecia o caes Pharoux. O seu governo exigio reparação do nosso. E este deu-lh'a. Custa-nos cem contos de réis esse cadaver de italiano. Que é isso, porém? Muito mais nos custa cada cadaver de brasileiro que tomba no Sul e ha muitos mezes que elles cahem diariamente, ás centenas!

Em pouco tempo as forças de terra estarão estafadas pelas noitadas de serviço e semimortas pela promptidão; haverá fome nas fortalezas; haverá desespero na população, segregada assim do resto do paiz, sem poder communicar com parentes e amigos; o cambio cahirá a nove... e no emtanto os monstros d'aço se balouçarão garbosos e fortes sobre as aguas harmoniosas, á espera, sem impacencia!



Emtanto, ó Mar, uma supplica te faço, meu amigo. Que seja esta a ultima vez que te revoltes, que te abras para engolir governos, farto de engolir navios e esquadras! Deixa-nos em paz! Fecha, ó Mar Piedoso, a éra dos pronunciamentos e do militarismo: dá-nos a Paz, a Liberdade, a Prosperidade! Tem juizo, ó Mar! Dá-nos juizo, ó Mar! Salva, purifica, resgata a Terra impura, pusillanime, vil, que treme de medo vendo-te as iras, contemplando-te a força!

Que a Justiça nasça triumphante das tuas espumas, aljofrada de perolas, trazendo na boca virgem o sorriso da fraternidade e as benções da Paz!

JOSE' DO EGYPTO.

→ A PROPRIEDADE LITTERARIA ←

Publicamos em seguida a these e respectivo relatorio apresentados ao Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros pelo Dr. Valentim Magalhães:

THESE

A actual legislação brasileira garante a propriedade litteraria aos estrangeiros?

Sendo a propriedade litteraria e artistica uma propriedade especial em sua natureza e em seus effectos, "sui generis", creação relativamente moderna do Direito, não pôde ser subentendida na legislação de um paiz, como a propriedade *communis*, marcial na essencia e nos effectos.

A noção romana do "dominium" não é applicavel áquella com o mesmo rigor e extensão que a esta.

E mesmo, segundo abalisados juristas, não lhe é de nenhum modo applicavel, sendo que para esses o apothegma de Alphonse Karr não é uma verdade— a propriedade litteraria não é uma propriedade.

Dahi a necessidade do reconhecimento della, expresso, e de ser claramente regulada.

Na Inglaterra ella só o foi em 1709 pelo "bill" de 21 de fevereiro.—Esse primeiro estatuto sobre a propriedade litteraria tomou o nome de "Estatuto da Rainha Anna" e só fixava os direitos dos autores britannicos.

A convenção litteraria anglo-franceza é de 1852. Até essa data, a Inglaterra só reconhecia o direito de propriedade litteraria aos seus naturaes.

Em nenhum paiz como a França tem sido reconhecida essa propriedade ha tanto tempo e tão claramente. Foi talvez isso o que levou o illustrado relator do parecer da Camara dos Deputados Brasileira, sobre a convenção litteraria com a França, este anno, a chamar ao direito de propriedade litteraria "uma creação artificial dos francezes." A legislação desse paiz garante indistinctamente esse direito a todos os autores, nacionaes como estrangeiros.

Prova do character excepcional dessa propriedade é que não é universal e só por meio de tratados e convenções tem sido reconhecida e regulada internacionalmente. Foi na conferencia internacional de Berna (1884-1886) que ella o foi positivamente para varias potencias europeas. Como não é o estudo geral dessa questão o que nos interessa, mas uma face apenas, o saber se a legislação brasileira actual garante essa propriedade aos estrangeiros, vamos restringir e limitar a esse ponto esta ligeira exposição, que outro merito não tem senão o de suggerir ou provocar o estudo da presente these. Para responder ao seu enunciado, estabelecido que a propriedade litteraria differa da *communis*, que precisa de ser claramente expressa para que seja admittida em qualquer legislação, devemos verificar se a nossa a declara. a reconhece, individualmente. Não temos Código Civil. Devemos ir procural-a alhures, portanto. Não a achamos em decreto do Poder Executivo ou do Legislativo. Mas na Constituição, que é a lei das leis, e no Código Penal. Diz com effecto a Constituição no artigo 72, § 26—secção dos direitos do homem: "Aos autores de obras" litterarias e artisticas é garan-

tido o "direito exclusivo" de reproduzilas pela imprensa ou por qualquer outro processo mecanico. "Os herdeiros dos autores gozarão desse direito" pelo tempo que a lei determinar."

O Código Penal vigente, embora dependa ainda da approvação do Congresso, o que lhe não tira a nem diminúe a força, pois está em pleno vigor e execução, o Código Penal, no seu 5º capitulo, artigos 342 a 350, regula completamente a materia, estatuinto penalidades para todas as infracções da propriedade litteraria e artistica. Não ha duvida, pois, que a nossa legislação reconhece-a. Resta ver se ella a torna extensiva aos estrangeiros ou a restringe aos nacionaes.

O nosso estatuto fundamental declara no citado artigo 72: "A constituição assegura a brasileiros e a estrangeiros residentes no paiz a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, á segurança individual e á propriedade nos termos seguintes."

Em que accepção tomou a Constituição a palavra "residentes"? Na ampla ou na restricta? Como synonymo de "domiciliados" ou de "assistentes" ou "presentes"? Nesta, affirmamol-o. E fazemol-o porque, se o espirito do texto constitucional fosse restringir as garantias dos direitos individuaes só ao estrangeiros "habitantes, moradores, domiciliados" no Brasil, isso importaria em a negação da validade juridica dos bens moveis e immoveis, contractos, patentes de invenção, garantias, obrigações, titulos, acções, marcas de fabrica, todos os direitos reaes, em summa, até hoje reconhecidos aos estrangeiros em todas as nações cultas.

Ora, a hypothese é tão extravagante que não resiste á mais leve analyse. É absurda. O legislador não podia pensar nem querer semelhante violencia, que nos relegaria para o quadro das nações salvagens, estranhas a toda noção juridica.

O legislador, empregando a expressão "estrangeiros residentes no Brazil," quiz nella abraçar, não só os domiciliados no Brasil, como os que nelle "estão ou assistem" por delegação de poderes, representados em seus procuradores. Mas se assim é—e não pode deixar de ser assim—elle estendeo aos estrangeiros "presentes" (em pessoa ou por procuração, pela representação legal) o direito á propriedade litteraria e artistica.

Não colhe o argumento de ser esta uma propriedade "sui generis," inconfundivel com a *communis*, porque a propria Constituição, no citado artigo 72, § 16, se refere clara e positivamente áquella:

"Aos autores de obras litterarias e artisticas é garantido o direito exclusivo de reproduzilas etc."

Se a Constituição reconhece e tem como equiparada á *communis* a propriedade intellectual, dita litteraria ou artistica, e se garante aquella aos estrangeiros, segue-se que tambem lhes garante esta.

Concluimos, portanto:—1º, que a legislação brasileira actual reconhece a propriedade litteraria; 2º, que a garante igualmente a nacionaes como a estrangeiros, ispensando, assim, qualquer convenção internacional.

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1893.

VALENTIM MAGALHAES.

MUSA IMPASSIVEL

Musa! um gesto siquer de dor ou de sincero
Lucto jamais te afeie o candido semblante!
Deante de um Job, conserva o mesmo orgulho; e deante
De um morto, o mesmo olhar e sobrececho austero.

Em teus olhos não quero a lagrima; não quero
Em tua bocca o suave e idyllico descante.
Celebra ora um phantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistichio d'ouro, a imagem attractiva;
A rima, cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrophe limpa e viva;

Versos que lembrem com seus barbaes ruidos
Ora o aspero rumor de um callião que se quebra,
Ora o surdo rumor de marmoeis partidos.

FRANCISCA JULIA DA SILVA.

S. Paulo, 1893.

Questão Scientifica

A combustão espontanea

Sr. Director d' A SEMANA.

"Acho inverosimil, senão inadmissivel, o facto figurado. Taes são as difficuldades naturaes oppostas á queima do corpo humano, que a combustão propriamente espontanea é insustentavel, e mesmo a comhunicada por fogo exterior só poderá ter lugar quando a enorme energia deste fôr capaz de dominar aquellas difficuldades, como em um incendio, etc. Ora, não é este o caso figurado.

Tal é o meu modo de pensar, que vos entrego sem reservas.

Dr. MARTINS TEIXEIRA.

Rio de Janeiro, 23 Agosto 1893."

CAVACOS MEDICOS

*O azul de methyleno
é tambem um específico
do paludismo e cura
como a quinina, matando o hematozoario.*

(Dr. F. FAJARDO.)

Conhecem o nome que firma essa epigraphe? Conhecem o moço que esse nome indica? Será axiomatica a sua proposição?

Pois é facil o conhecimento do moço e do nome; agora, o que é difficil é responder de prompto á terceira pergunta, dirá o leitor.

E assim é.

O moço é uma figura sympathica, que se destaca do brilhante quadro dos doutorandos de 1888, e que, com a applicação ao estudo e o bom espirito observador, vai conseguindo tornar o seu nome laureado.

A proposição é por emquanto arrojada, embora as excellentes observações dos habillissimos Drs. Rocha Faria, Moncorvo, Clemente Ferreira e Silva Nunes, que têm colhido beneficios do azul de methyleno na malaria.

Mas... vamos á historia que originou este pequeno cavaco.

Temos sobre a mesa de trabalho um folheto do Sr. Dr. F. Fajardo, assistente de

clínica propedeutica, com a denominação *Ensaio de bacteriologia e clinica*, que é o conjunto de pequenos estudos feitos com cuidado e paciência pelo joven medico brasileiro.

O ha illo da tuberculose nas enfermarias de clinica, o hematozoario do paludismo, a phagocytose no paludismo e o azul de methyleno como effizaz no seu tratamento, eis os pontos interessantes com que se occupa, baseado em attentos exames e cuidadosa observação.

O melhor elogio que póde ter o distincto investigador é a carta do professor Laveian, que, entre outras phrases, diz-lhe: "*Je vous félicite des résultats aux quels vous êtes arrivé déjà et j'espère que vous continuerez à travailler cette question.*"

Assumpto realmente interessantissimo como é a determinação do *plasmodium malariae* no diagnostico do impaludismo, obriga-me a enviar um aperto de mão ao Dr. Fajardo, animando-o a proseguir n'esse exame, que está merecendo de seu talento e da sua actividade a grande contribuição que póde dar.

Quanto ao que refere sobre o azul de methyleno, declaro-lhe que já o tenho empregado, mas sem resultado satisfactorio, o que não quer dizer que abandono o seu emprego, porque as observações que possuo são em muito pequeno numero. Não posso, entretanto, collocar-o ainda ao lado da quinina.

Para que o illustre e joven medico não pense que já existe da minha parte alguma prevenção, vou terminar, recommendando á classe medica a sua indicação, mesmo como homenagem ao que nos diz no seu bom folheto:

"As doses têm variado de 0,30 até 1,0 em 24 horas; conservando a dose de 0,30 por 5 ou 10 dias mais, depois do desaparecimento dos accessos. Tenho feito uzar em pilulas, d'este modo:

Azul de methyleno medicinal. 2,0

Não mascada pulv. 1,0

Em pilulas. Para tomar conforme a indicação; ou ainda associado a uma pequena dose de extracto de belladonna."

E... não é que este final preencheu-me a outra secção d'*A Semana*—*Conselhos salutarés?*

DR. SAHEN.

IRONIA DAS AVES

Alvos pombinhos, recortando os ares,
Vão contentes pelo espaço afora,
Trocando beijos e sorrindo á aurora;
Lépidos correm tão formosos pares.

Em revoada voltam, deixam mares
E alheias terras, sem pesar! Embora
Cantem os passaros o amor, outr'ora
Nes-e mesmo logar houve pezares,

Lágrimas negras como a noite escura!
Havia o captivo—atroz tortura,
E havia o tronco,—misera cadeia.

Hoje o tronco é pombal. Ha luz, carinhos,
Passaros cantam, se entrelaçam ninhos...
— Lição sublime, de ironia cheia!

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

Plebiscito Litterario

—QUAES SÃO OS SEIS MELHORES ROMAN-
CES ESCRIPTOS EM LINGUA PORTUGUEZA?

O prazo para recebimento das repostas encerrar-se-á no dia 12 do corrente.

Além do titulo do romance, dever-se-á declarar o nome do autor.

Só serão apuradas chapas firmadas com pseudonymos quando estes forem conhecidos e authenticos.

Do romance que obtiver o primeiro logar publicaremos o trecho mais bello ou mais celebre e, sendo possível, o retrato do autor.

Os nomes dos votantes não serão publicados, salvo expressa autorisação delles.

A designação "romance" é restrictiva; a chronica, a novella, o conto, a narrativa puramente historica estão, portanto, excluidos. Mas não ha distincção de escola nem de epocha.

O que é indispensavel é que haja sido publicado em volume, e que seja livro.

No proximo numero publicaremos o resultado da votação e alguns dos votos, assignados por pessoas conhecidas no mundo das letras.

THEATROS

THEATRO LYRICO

A representação da *Lucia de Lammermoor* foi um grande successo para a Sra. Boronat.

Comquanto a velha opera de Donizetti tivesse tido optima execução por parte da orchestra e dos còros, se a Sra. Boronat não houvesse cantado a sua longa e difficil parte com o mimo e a arte com que o fez, o fiasco houvera sido terrivel. Mas a gentil e talentosa actriz-cantora salvou a situação, fazendo esquecer todas as faltas dos cantores, inclusive as do Sr. Colli.

Além de haver cantado sempre com muito mimo e expressão todos os actos, cantou o celebre *rondó* final do ultimo, introduzindo nelle a cadencia original da famosa cantora Melba, tão primorosamente que todo o theatro—galerias e plateia—fez-lhe estrondosa e raramente vista ovação, obrigando-a a repetir a ultima parte.

E realmente, ha muitos annos, não era esse *rondó* cantado aqui por aquella fórma.

Que vocalisação delicada, variada, rica, mimosa!

A voz da cantora casou-se á da flauta tão perfeitamente que parecia estar-se ouvindo duas flautas... gemeas! Bravos á Boronat!

No sabbado levou a companhia em recita popular o *Lohengrin*, obtendo boa casa, e correndo a representação satisfactoriamente.

Na terça-feira foi exhibida a famosa e mui justamente apreciada opera de Meyerbeer—*Os Huguenotes*.

Excellent recita sob todos os pontos de vista: casa cheia, execução primorossima.

A Sra. Adalgisa Gabbi esteve admiravel no papel de Valentina, cantou

com muita arte e deu grande colorido á parte dramatica.

A Sra. Boronat alcançou mais um triumpho. A sua voz admiravel e excellente escola são elementos certos de que dispõe a encantadora artista para receber continuas ovações.

A Sra. Zawner foi bem, mas nem por isso fez esquecer a Sra. Scaletti...

De Marchi é um tenor verdadeiramente digno dos maiores applausos. Cantou, pela primeira vez, a grande opera, e cantou-a de modo soberbo, admiravel tendo-a ensaiado duas ou tres vezes, apenas; no duetto final esteve sublime!

O publico soube, felizmente, apreciar o seu bello trabalho.

Rossi foi muito bem e não o applaudiram como elle merecia. Sottolana e os demais artistas portaram-se correctamente. Os còros estiveram bons e a orchestra esplendida sob a rigorosa direcção do extraordinario Mancinelli.

FLAMINIO.

THEATRO S. PEDRO

ALCACER-KIBIR

A peça de D. João da Cmara que foi á scena no S. Pedro d'Alcantara, não se póde considerar como um trabalho completo, mas ha innegavelmente ali algumas scenas bem delineadas e caracteres bem estudados. O de Beltrão, uma especie de Quasimodo, rancoroso e cruel, fanatico e delator, é um typo, interessante, posto que mais romantico do que verdadeiro. Augusto Rosa, caracterizado a primor, imprime-lhe uma feição muito theatral.

Notavel tambem o typo do prior do Crato, reproduzido fielmente do personagem historico e cachetico que sob este nome figurou de rei de Portugal.

E João Rosa, ao interpretar esse padre, encontrou uma bella variante na galeia já longa de papeis ecclesiasticos que ultimamente tem creado.

Mas o autor apurou-se sobretudo ao desenhar o personagem de D. Fuas, mixto de D. Juan e D. Quixote, nobre, altivo, generoso, fanfarrão e valente. Brazão elevou-se tão alto na sua realisação, e seu trabalho é de tal homogeneidade e correcção, tão harmonico, igual e destacado de todos os papeis em que anteriormente o vimos, que é justo collocar esse desempenho a par das mais bellas creações theatraes dos grandes mestres da scena contemporanea.

Rosa Damasceno teve um papel episodico que disse muito delicadamente fazendo com a sua reconhecida arte a descripção da morte da creança, no 3º acto.

A encenação foi pouco cuidada e alguns papeis secundarios, por haverem sido substituidos na *tournee*, resentiram-se da falta de ensaios.

O *Alcacer-Kibir* é, como peça, muito melhor que *Affonso I* do mesmo autor; e o trabalho de Brazão assegura-lhe um futuro ainda longo.

LUCINDA DO CARMO

Com grande concorrência realizou-se no dia 4 do corrente a festa artistica desta talentosa actriz da Companhia do theatro D. Maria II, festa que também o era da joven actriz Palmyra.

Representou-se *A madrugada*, a linda peça, em verso, de Fernando Caldeira, em que Rosa Damasceno, Brazão e os irmãos Rosa têm tão notáveis papeis.

Nos intervallos dos actos recitaram as beneficiadas monologos, cantando Lucinda do Carmo uma canção-comica *A espiga*, em *travesti*.

Tem a voz agradável, embora fraquinha; mas diz o *couplet* com graça e malícia encantadora, que revelam ser o seu genero o *vau-deville* e não o drama ou mesmo a comedia.

Entretanto, conquanto nos agradasse aquella *Espiga*, achá-mol-a deslocada naquelle palco, em meio daquelles finos e correctos interpretes do que ha de mais bello e melhor no theatro antigo e moderno.

Foram muito brindadas e applaudidas as beneficiadas.

Nos outros theatros continuam a fazer successo as peças já conhecidas.

A nossa opinião, franca e independente, acerca do *Lohengrin* não foi unica. Tivemos o prazer de vê-la manifestada pelo critico musical da *Cidade do Rio*, que é como se sabe, Cardoso de Menezes; pelo J. Guerra, d'*O Paiz*, que é o humorista Urbano Duarte, e por Arthur Azevedo n'*O Album*. Este disse, muito positivamente: "Não nos illudamos, meus senhores; o nosso publico ainda não comprehende nem accêta Wagner. O *Lohengrin* foi recebido com um entusiasmo frio e discreto, um entusiasmo de *noblesse oblige*." Já não estamos sós para a excommunição dos *entendidos*; estamos em boa companhia.

WAGNER E O WAGNERISMO

Em sua ultima obra *A degenerescencia* (*Entartung*, Berlim, 1893, editor Carl Dunker) estuda o eminente autor das *Mentiras Convencionaes* e dos *Paradoxos*, Max Nordau (que mesmo o publico illetrado já conhece das correspondencias que delle publica frequentemente a *Gazeta de Noticias*), ao lado do Preraphaelismo, do Sym-

bolismo, do Tolstoismo, do Peladonismo e do Maeterlinkismo—o culto de Wagner, o wagnerismo.

Sustenta o eminente sabio que este apresenta todos os caracteristicos da degenerescencia mystica.

Nas obras litterarias do mestre de Beireuth reconhece Max Nordau todos os symptomas da graphomania—obscuridade, logomachia, impotencia de exprimir claramente as idéias e, dali, constantes repetições de phrases; a impossibilidade, emfim, de dar uma norma nitida e definitiva a idéias embrulhadas e vagas. Para reconhecê-lo basta analysar a sua theoria sobre os limites e mutuas relações das artes, a qual consiste, em summa, em resumir, englobar e fundir todas as artes n'uma



TENOR DE MARCHI

só — a musica; basta, mesmo, apreciar o estylo inextricavel e metaphysico em que tudo aquillo é exprimido. Outro signal de degenerescencia descobre o critico allemão em Wagner—o erotismo que se manifesta em toda a sua obra, imagem da mulher dominando tudo com uma volupia bestial (*sic*).

Mais um symptoma ainda—a esterilidade de seu talento inventivo. Foi sempre incapaz "de inspirar-se na plenitude da vida," segundo a immortal formula de Goethe, e teve sempre de recorrer á legenda, á tradicção, á fabula. Somente o assumpto dos *Mestres cantores* não foi bebido nos poemas heroicos de Gottfried de Strasbourg, de Wolfram d'Eschenbach etc. Wagner não creou nunca uma alma huma-

quanto á forma, não se conhecem até hoje versos mais chatos nem mais pobres que os seus.

A unica faculdade genial manifestada por elle foi a "imaginação visual" uma imaginação de pintor magnifica. Nietzsche, no *Caso de Wagner* chama-lhe "o magnetizador, o collectionador de *bibelots*, o pintor de *frescos*"

O proprio Wagner confessou que os seus dois grandes amigos Schiller e Schumann, lhe declararam que elle faria melhor em escrever dramas que em fazer operas. (A mesma cousa lhe dissera Offenbach. Quando Wagner escrevia livros, expondo suas idéias sobre musica e questões sociaes, Offenbach escreveo-lhe: "Meu caro Wagner, faça operas." Quando Wagner começou a escrever operas, aconselhou-lhe o genial autor da caricatura musical: — "Meu caro Wagner, faça livros".)

Wagner era incapaz de crear. Um critico musical allemão, Wolzogen, deu-se ao paciente trabalho de estudar o "volapuck wagneriano" e em toda a tetralogia dos *Nibelungen* encontrou apenas noventa *leitmotivs*. Maior numero de palavras possuem os hottentotes para exprimir suas idéias sobre o tempo. E, entretanto, Wagner se desvanecê de poder com aquella ridicula quantidade de vocabulos musicaes exprimir toda a vida intima de seus innumerados deuses e semi-deuses!

E' certo que Wagner no começo de sua carreira creou algumas melodias sublimes, bem definidas em *Tannhauser*, *Lohengrin*, *Navio Fantasma*; depois, sentindo-se exhausto, atirou-se ao recitativo, que não é mais que a forma rudimentar da musica, conhecida pelos selvagens. Si elle tivesse podido, como Mozart, crear melodias caracteristicas para cada um de seus personagens, envolvidos na acção de seus dramas, elle não nos teria imposto nem os *leitmotivs* nem a *melodia sem fim*.

Como seu talento não se adaptava á musica symphonica, declarou que esta morrerá com Beethoven e que o unico caminho a seguir era o da "declamação musical." Não possuindo, apesar de seu talento, a sciencia severa da composição, fez guerra ao contraponto e aos contrapontistas.

O lado morbido do wagnerismo manifesta-se pelo caracter exaltado de seus primeiros adeptos. Entre estes vemos a princesa de Metternich, filha do celebre originalão Conde de Lander; Liszt, o grande *virtuoso* e grande mystico, e, por fim, o famoso hysterico Luiz II de Baviera. A fortuna do wagnerismo, que começara ali, accentuou-se depois no chauvinismo militarista, tornando-se Wagner co-

nhecido e adorado pela sua gallophobia e antisemitismo. Aceitou o homem, aceitou-se-lhe a musica, por contrapeso. Além disso o amorplismo da *melodia sem fim* respondia maravilhosamente á preguiça mental das novas gerações. Depois o culto de Beireuth, só sendo accessivel aos ricos, cahio em moda, foi procurrado pelo snobismo cosmopolita, que só acha bom o que é caro.

Foi graça aos peregrinos opulentos que se podiam pagar o luxo do wagnerismo no seu templo proprio que aquelle introduzio-se em França.

Catulle Mendès, um dos poucos wagneristas sinceros, tanto comprehendendo os perigos do wagnerismo, que aconsellhou aos jovens compositores francezes que abandonassem o deus de Beireuth para inspirar-se na fonte viva das melodias populares da França.

X.



Apezar de não ter A SEMANA recebido convite, fui, no domingo ultimo, ao S. Pedro de Alcantara, assistir ao 3º concerto symphonico do maestro V. Cernicchiaro. Muito penalizado ficaria se por qualquer outra circumstancia, que não essa de não ter a nossa revista recebido um bilhete, deixasse de transportar, naquella dia de folga, a vasta e espaçosa casa de espectaculos, em que tive occasião de entrar por diferentes vezes no anno passado, para assistir a excellentes e inolvidaveis festas musicas, não como redactor da SEMANA, (porque nesse tempo a SEMANA não tinha ainda inaugurado a sua segunda epocha de publicação), mas como simples admirador de musica, simples devoto de Verdi e Beethoven, cujas paginas musicas não posso ouvir sem enthusiasmo, sem que sinta a alma repleta de uma estranha sonoridade, de uma alegria immensa. Não foram muitas das peças convidativas do programma, magistralmente organizado, que me levaram áquelle theatro, repentinamente transformado em templo da divina arte,

mas, (e para que não dizel-o?) uma: só uma bastava para attrahir-me, para arrebatarme da doce e desejada paz do meu remanso de dia de festa.

La ser executada a 5ª symphonia em dó menor de Beethoven e eu adoro Beethoven ao ponto de ouvir-o interpretado ao piano ou a grande orchestra (tanto melhor) durante uma noite inteira sem cabecear de somno. Entrei, pois, mais desejoso de ouvir Beethoven que os outros trechos do programma, mas não quer isto dizer que não os ouvisse a todos com amor, com esse interesse que me desperta todo o genero de musica desde que ella se possa ouvir, que seja boa... que seja musica, emfim. E' justo pois que só falle do trecho de Beethoven nesta rapida noticia, dizendo que foi excellentemente a sua execução, que os distinctos artistas encarregados de interpretal-a estiveram dignos dos repetidos applausos que receberam por parte do publico... e digo publico, porque, com effeito, pudemos verificar que ainda ha entre a nossa população, atirada ás tramas politicas, quem se interesse pela adoravel arte que enleva a alma e enche o coração do maior enthusiasmo, da mais estranha alegria. E foi o que me aconteceu ao sahir do S. Pedro, transformado no domingo ultimo, no templo da DIVINA ARTE.

WAGNER E "A WALKIRIA"

Eis como um autorizado critico francez, Arthur Pougin, resume a sua opinião sobre a *Walkiria*, ultimamente cantada na grande Opera de Paris e a musica de Wagner:

"Tal é a obra (a *Walkiria*), tanto quanto posso caracterisal-a: dois actos mortalmente massadores, sobretudo o segundo, e um terceiro, que é uma obra prima, de uma belleza, pujança e grandiosidade inexcediveis. É uma obra systematica, desigual, portanto, mas que só podia salhir das mãos de um grande artista.

"Para Wagner em um drama lyrico o drama deve sobrepujar a musica—o que me parece ser o contrario da verdade, da verdade que elle pretendia abraçar tão estreitamente; e quando se digna de ceder á musica, é aos instrumentos e não aos cantores que a confia; e dali nos dar symphonia applicada á scena em vez de musica scenica.

"Estou convencido que o drama wagneriano não se adapta á nossa indole e ao nosso gosto e que por maior que seja o arruido feito em torno delle nunca se conseguirá acclimal-o definitivamente entre nós. Por sua natureza e conjunto elle é essencialmente contrario aos nossos principios em materia musical e sobre tudo *theatral*."

E' o juizo mais claro e mais conciso (e mais justo talvez) que tem os lips até hoje ácerca da obra do grande reformador allemão.

Entretanto, para sermos imparciaes devemos accrescentar que varios criticos foram menos severos que aquelle, e alguns tiveram phrases de entusiasmismo e fervente admiração.

Um delles, V. Joncières, disse que ao genio de Wagner só faltavam tres cousas para ser completo:—o gosto, a sobriedade e a claresa!

Esse pouco!

As duas horas da tarde, de 10 do corrente, realisa-se no salão do Club Gymnastico Portuguez, a segunda audição do clarinetista portuguez José Barreto Aviz.

Agradecemos o gracioso cartão que nos enviou para aquella festa.

JOÃO SONORO.

GAZETILHA LITTERARIA

AS ESCRIPTORAS

Em *O Paiz* de 26 de Agosto publicou o Sr. Osorio Duque Estrada, um dos mais festejados collaboradores d'aquelle diario, um artigo subordinado á epigraphie *Poetisas e Litteraats*, no qual elle, em resumo, manda as damas que como taes querem passar, que de preferencia se dediquem aos seus deveres e misteres domesticos.

Não estamos longe de concordar com os fundamentos do seu modo de pensar, os quaes já têm sido desenvolvidos por criticos notaveis, Julio Lemaître, inclusive.

Se, porém, pela ingavel superioridade intellectual dos homens (*Ah! se os leões fossem pintores!*), pela sua maior competencia para as sciencias, as letras e as artes, não podem as mulheres egualar-se-lhes, não é logico desenganal-as, vedar-lhes o ingresso nas officinas do trabalho mental, como faz o nosso côlega.

"As maiores escriptoras foram e lião de ser sempre inferiores a um litterato mediocre."

Oh! collega, que barbaridade!

Pois acha Mme. Ackermann inferior a Montépin, Mme. de Girardin a Georges Ohnet, Gyp a Richebourg, Mme. Daudet a Mary?

Que as maiores escriptoras e as maiores artistas não se pódem egualar aos maiores escriptores e aos maiores artistas—de accôrdo; mas dali a afirmar que ellas, apesar de *maiores*, são e *hão de ser sempre* inferiores aos *menores*, ha a distancia de um abysmo. As Stael e as Rosa Bonheur são raras, e isso mesmo demonstra o aserto sobre que assenta o alludido artigo; mas não se pódem concluir dali o que conclue o collega e deixamos impugnado.

Por ultimo, affirmou o collega que "no Brazil *apenas* as Sras. Delia e Julia Lopes fazem excepção á pasmosa mediocridade das nossas letras."

Essas affirmações absolutas e exclusivistas são extremamente perigosas.

Como pôde o articulista esquecer Narcisa Amalia, o talento peregrino, alma de artista delicadissima, poetisa inspirada e correctá, instruída e conhecedora da nossa lingua como nenhuma outra?

Não só o versó, mas também a prosa que lhe sae da penna adamantina é sempre trabalhada a primor.

Narcisa Amalia está de ha muito arredada das letras, é verdade; mas a sua obra já publicada é mais que sufficiente para não autorisar o estranhavel esquecimento do nosso confrade.

Nestes ultimos quinze dias foram publicados nesta cidade os seguintes livros: — *Broquéis*, versos de Cruz e Sousa, *Celeste*, romance de Délia, *Blócos*, contos e phantasias de Isaias de Oliveira, *Encarnação*, romance de José de Alencar (já publicado, ha muitos annos, em folhetim no *Diario Popular*) *A Capital Federal*, de Anselmo Ribas e *A Normalista* de Adolpho Caminha. Desses livros não recebemos ainda *Celeste* e *Blócos*. Dos outros e dos que já nos foram antes remettidos iremos dando conta com a brevidade e a minucia que nos permittir o acanhado espaço de que dispomos.

Morreu em Paris, aos 69 annos de idade Mario Uchard, o autor applaudido de *Fiammina*, peça theatral, e *Mon oncle Barbassou*, romance.

A UM POETA

Aprende a amal-a, mergulhado em pranto.

S. A.

Aprende a amal-a e se transforme em riso
O crystallino pranto de tu'alma!

Aprende a amal-a e seja um paraíso
A vida, que a ventura encanta e acalma...

Aprende a amal-a e toda a natureza
Venha brilhar em torno ao teu noivado!
E as aves cantem a irial grandeza
Da primavera em dia abençoado!

Ah! quem pudéra caminhar sósinho
Pelo oceano indomito da vida,
Achando a cada passo, no caminho,
A indiferença e a dor incomprehendida?

Sim, quando o amor nos illumina o sonho,
Temos horror á gelidez da morte!
Ama, portanto, ficarás risonho,
Serás alegre, corajoso e forte!

PRESCILIANA DUARTE DE ALMEIDA.

O NUMERO 13

Pelo intelligente e applicado bibliophilo Domingos Alves Meira, neto, que, comquanto joven, tem uma bella bibliotheca, em que abundam as preciosidades bibliographicas, foi-nos mostrada uma obra curiosissima, inedita, de sua lavra. Intitula-se: SINGULARIDADES DOS NUMEROS.

É um vasto e variadissimo repositório de informações e conhecimentos sobre todos os ramos do saber humano, suggeridos a proposito de cada numero, desde 1 a 1,000.

Expurgada de algumas exerescencias e cousas de somenos utilidade, daria uma curiosa e excellente obra didactica.

Para dar uma idéa do seu plano e valor escolhemos o capitulo referente ao numero 13, que é um numero de máo agouro, geralmente tido como funesto, e transcrevemol-o em seguida.

O 13

Este numero é considerado por pessoas supersticiosas como um numero desgraçado; é chamado o numero de Judas, porque é o numero dos convivas da ceia de Jesus, onde Judas completava os 13.

Por occasião do desmembramento da familia de José em duas tribus, achavam-se 13 convivas na primeira paschoa de Israel, na terra promettida, isto é, 13 tribus na partilha das ceifas de Chanaan. Uma destas tribus foi exterminada, e foi a de Benjamin, o mais moço dos filhos de Jacob. D'ahi veio esta tradição que quando ha treze convivas na mesa, o mais moço morre cedo.

Santo Agostinho contava 13 sibyllas; 13 annos durou a guerra da successão da Hespanha; 13 foram os pontífices do seculo VI; 13 foram os pontífices do seculo XV; 13 foram as campanhas de Cezar—oito contra os gaulezes e cinco contra as legiões de Pompeu; 13 foram as campanhas do principe Eugenio de Saboya, duas contra os turcos, cinco na Italia contra a França, seis sobre o Rheno; em 13 horas chegava uma noticia do acampamento a Paris, por occasião do cerco de Sebastopol; em Bordeaux se fundou uma sociedade denominada dos 13; 13 fidalgos, unidos com os conegos regulares de Santo Agostinho, deram finalmente principio á ordem militar de Santhiago da Espada que o papa Alexandre III approvou em 1175, regulando-lhe as dignidades; a 13 de Agosto de 1792 Luiz XVI entrou prisioneiro no Templo; a 13 de Fevereiro de 1554 foi decapitada Joanna Gray; a 13 de Dezembro de 1553 nasceu Henrique IV; a 13 de Dezembro de 1560 nasceu Sully, o melhor dos ministros e amigos de Henrique IV; o nome de Luiz de Bourbon contém 13 letras; este principe tinha 13 annos quando se casou, e quando subio ao throno foi o "decimo terceiro" rei de França de nome Luiz. A infanta Anna d'Austria, sua esposa, tinha também 13 letras no seu nome; nasceu no mesmo dia, mez e anno que Luiz XIII; e a casa de Hespanha a que pertencia, contava 13 infantas de nome de Anna; 13 são os artigos da fé judaica; o artigo do symbolo israelita relativo á morte é o 13º; em 13 mezes divide Augusto Comte o seu

calendario positivista: 13 quintaes tem a tonelada; 13 grãos do zodiaco percorre todos os dias a lua, do poente para o nascente, tal é a rapidez do seu movimento; de 13 ossos consta a maxilla superior; — dois maxillares superiores, dois nasaes, dois palatinos, dois cornetos ou turbinados, dois molares, dois unguis ou lacrymaes e o vomer; o homem se compõe de 13 elementos: 5 gazosos e 8 solidos; 13 preceitos escreveu Benjamin Franklin, que se comprometteu a seguir-os: 1º temperança, 2º silencio, 3º ordem, 4º resolução, 5º frugalidade, 6º industria, 7º sinceridade, 8º justiça, 9º moderação, 10º acoio, 11º tranquillidade, 12º castidade e 13º humildade.

Rio, 1893.

DOMINGOS ALVES MEIRA, neto.

OS COLLEGAS

Com muito prazer noticiamos a visita feita á *Semana* pelos seguintes jornaes que se publicam nesta capital:

O Telegrapho, *L'Etoile du Sud*, *The Rio News*, *Boletim Postal*, *Diario de Noticias*, *Tymbira*, *Correio da Tarde*, *Cazeta do Sport*, *Revista dos E. U. do Brazil*, que nos recebeu em termos bastante lisongeiros; e *Jornal do Brazil*. Também a *Etoile du Sud* nos dedicou uma noticia bastante amavel, embora um tanto maliciosa *Le français, né malin...* É natural.

Sentimos que a falta de espaço nos impeça de reproduzir o extenso e magnifico artigo com que o *Correio Paulistano* noticiou o nosso reaparelhamento.

Obrigados a *Frei Thomaz* e ao *Correio*.

Recebemos mais os seguintes jornaes, cuja permuta agradecemos:

Bem Publico, de Casa Branca, *Estado de S. Paulo*, *Diario do Amparo*, *O Friburguense*, que se publica na cidade de Friburgo, estado do Rio, *A Opinião Nacional*, de S. Paulo, *O Momento*, diario de Maceió, *O Carmense*, *Gazeta do Povo* e *O Seculo*, tres excellentes jornaes, que se publicam no Estado do Rio; *A Platéa* e *O Popular*, de S. Paulo; *A Verdade*, organ de Itajubá, em Minas Geraes; *Juiz de Fóra* e *Gazeta da Christina*; e *A Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba.

Sobre a nossa mesa temos ainda muitos exemplares de collegas que nos honraram com a sua visita e cujos nomes iremos aos poucos publicando.

A todos, porém, desde já, os nossos sinceros agradecimentos.

Sob a direcção de Julio Pernetta e Dario Vellozo acaba de vêr a luz da publicidade em Curityba, Paraná, um excellente organ bi-mensal com o titulo de *Revista Azul*. O primeiro numero

que recebemos é um conjuncto de agradaveis artigos litterarios, poesias, etc.

A *Gazeta Musical*, periodico que se dedica exclusivamente á arte de Verdi e de Schubert, visitou-nos tambem, garrida, nos seus oito numeros correspondentes ao seu 3º anno de existencia. Agradecemos a gentileza da visita.

O n. 36 d' *O Album* publica uma boa phototypia de João Rosa, o notavel actor portuguez e, além da espi-rituosa chronica do costume, variada collaboração litteraria. Nesse numero lêmos um magnifico, um soberbo conto de Raul Braga, intitulado *Alma Velha*.

Só ha bem poucos dias tivemos o prazer de ler, no popular jornal *O Estado de S. Paulo* uma honrosissima noticia de duas columnas quasi—um artigo! — á nossa folha, noticia essa, ou antes artigo esse, traçado pela pena de José Vicente Sobrinho, um moço que começa a sua lide de imprensa, mas que atravez d'aquellas linhas com que nos honrou a todos nós da redacção, poz em evidencia o seu bello talento de fino chronista e litterato distincto.

Temos immensa satisfação em agradecer ao *Estado de S. Paulo* e ao talentoso collega a amabilidade de suas expressões.

Factos e Noticias

Como um applauso aos altos e re- conhecidos meritos artisticos do tenor Emilio De Marchi, e muito especialmente ao successo por elle obtido com *Os Huguenottes*, publicamos hoje o seu retrato.

Do proximo numero em diante daremos aos nossos leitores uma secção especial de *valeres*, a cargo de um dos mais distinctos conhecedores d'aquelle excellente divertimento. Mais um attractivo para os leitores da *Semana*, que não poupa esforços para agradar a todos que lêem, aos sabba-dos, as suas oito paginas cleias.

Os conhecidos livreiros editores Fauchon & C.^a offereceram-nos um exemplar de um esplendido mappanisphe-rio terrestre indicando as novas descobertas, as colonias euro-péas e as linhas maritimas dos vapores que fazem escala nos principaes portos do Brazil. Este excellento trabalho foi traçado pelo geographo

Vuillemin e gravado n'uma das principaes officinas de Paris. E' um mimo que muito agradecemos aos conheci-dos editores.

A POLITICA

A população desta cidade está desde a manhã de quarta-feira devéras im- pressionada com a revolução, que, como uma bomba, estalou no nosso seio pacato de população serena e amadora de festas... em que não en- trem armas nem munições de guerra. A marinha em peso revoltou-se, tendo á testa o almirante Custodio José de Mello, que içou o seu pavilhão no *Aquidaban* e commanda em chefe toda a esquadra revoltada.

A *Semana*, revista exclusivamente litteraria, tem o direito de não com- mentar senellante barulho, que vai por ali afóra alastrando-se n'um es- parramar de boatos, n'um florescimento de proclamações, noticias mais ou menos assustadoras, o diabo, emfim.

Voltará até o fim da semana pro- xima o socego ao lar das familias e o silencio á sempre pacata e bonachei- rona Capital Federal? Não podemos affiançar semellante cousa aos leito- res da *Semana*; o que podemos affir- mar é que o illustre contra-almirante Custodio de Mello fez distribuir pela imprensa uma proclamação tesa e coruscante; que *O Paiz* e *O Tempo*, externaram-se francamente governis- tas, ao contrario dos outros collegas, que se limitaram á narração dos factos, guardando a respeito uma especta- tiva natural.

A ordem publica não tem sido alte- rada. A physionomia da cidade é a mesma de sempre. A população pas- seia, diverte-se, trata da sua vida com um ar calmo e indifferente de quem está pensando :

—“Isso é lá com os Pereiras.”

Tratos á bola

Em verdade vos digo, meus irmãos, que as charadices do numero ante-pas- sado tinham as seguintes significações:

1. *Caçapara*.
2. *Ave-Eva*.
3. *Ara*.
4. *Carapeta*.

O Thebas que veio em primeiro lugar d'esta vez foi *Amor Perfeito*.

Em 2º lugar veio *Pépe*.

Seguiram-se depois *Pintasilgo*, *D. Magriço*, *Trinitas*, *Urubú Malandro* e *Rapa Sueixo*.

Erraram *Ababilla*, *Lilazia*, *Thia- mor*, *Feros*, *Suavesinho*.

Pode o Sr. Amor Perfeito vir buscar o premio.

Por falta de aspaço, passo o passar- me daqui para fora.

FREI ANTONIO.

ARCHIVO

Recebemos :

— *Regimento das exposições gerates das Bellas Artes*.

— *A Capital Federal* (impressões de um sertanejo) por Anselmo Ribas. Edição especial d' *O Paiz*.

— *Relatorio* apresentado na sessão anniversaria de 23 de Julho de 1893 á “Sociedade de Hygiene do Brazil” pelo seu secretario geral interino, Dr. Carlos Augusto de Brito e Silva.

— *Discurso* proferido por A. R. da Silva Braga na solemnidade do grau dos pharmaceuticos na Escola de Pharmacia de Ouro Preto.

— *Planispherio Terrestre*, de Vuil- lemin e Zerolo; editores, Fauchon & Cia.

— *L'arte e la Critica* por Carlo Par- lagreco. Napoles. L. Chiurazzi, edi- tor.

— *Ensino Agricola*, Escola Agri- cola da Bahia, serie de artigos publi- cados no “Jornal de Noticias” por Arlindo Fragozo. Bahia, 1893.

— *Broquéis*, versos de Cruz e Sou- za. Rio de Janeiro, 1893.

— *A Questão Abel Parente e sua defesa official pelo Dr. Francisco de Castro*, collecção de artigos publica- dos pelo Dr. Agostinho J. de Souza Lima. Rio de Janeiro, 1893.

— *Encarnação*, romance, por José de Alencar. Rio de Janeiro, 1893.

— *A Normalista*, romance, por A. Caminha. Rio de Janeiro, 1893.

ANNUNCIOS

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

RUA DO PASSEIO

Tem sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas e flores, etc., etc.

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

Dr. V. Ottoni

Molestias Venereas e Siphyliticas

CONSULTORIO E RESIDENCIA

22, RUA DO HOSPICIO, 22

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratice da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 - RUA DA QUITANDA - 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 - Laranjeiras

DR. VIEIRA SOUTO

Médico e Operador

Especialidade : *Partos e Molestias das Senhoras*

Residência e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas

Telephone 1138

PIANOS E MUSICAS**FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

ESTABELECIMENTO**HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 - Rua Sete de Setembro - 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades.

Completo sortimento de livros e objectos para escriptorio e de fantasia.

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens, senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengilas, etc., etc.

Rio de Janeiro

Grande Deposito

- DE -

→ Pianos e**Musicas ←****BUSCHMANN & GUIMARÃES**

52, RUA DOS OURIVES, 52

Rio de Janeiro.

Gabinete de Cirurgia e Prothese Dentaria

DE

A. F. DE SÁ REGO

1 - Rua de Gonçalves Dias - 1

Este importante e antigo Gabinete, tendo passado pelas reformas exigidas pelos processos da moderna odontologia, acha-se equiparado áos melhores da Europa pelos esplendidos aparelhos e instrumentos de que dispõe habilitando-o a apresentar trabalhos

ainda pouco conhecidos no Brazil

Collocação de dentaduras fixas, sem chipi, e sem extracção de raizes ou dentes

- TRAVAIL A PONT

Extracção de dentes sem dor, por meio do *Coyl* de M. M. JOUBERT, de Paris. Apparelhos para correcção das anomalias de implantação, obturadores para a abobada palatina e veu do paladar, etc., etc.

Obturação e reconstrucção de dentes a ouro perfeitissimas.

Concerta-se qualquer dentadura que não esteja perfeita na bocca, mediante pequena retribuição.

Consultas e operações das 8 horas da manhã ás 10 da noite.

RIO DE JANEIRO